Informação geográfica do Ceará holandês

Luiz da Câmara Cascudo
(sócio correspondente)

Para os Estados-Gerais, de Antônio-Vaz em Pernambuco, 16 do Novembro de 1637, escrevia o Conde de Nassau: — "**Em direção ao Norte, cerca de oitenta leguas alem do Rio-Grande, os inimigos tem ainda um forte chamado Ceará, para onde enviamos um major com tropas a fim de tomá-lo, se Deus quiser. É um lugar onde se encontra o ambar gris e tambem grande quantidade de sal, de sorte que, se Deus nos der esta praça, os nossos navios não terão que ir carregar sal nas Índias Ocidentais, mas encontrarão no nosso país. Há cinco semanas que o dito major partiu com as tropas, de modo que diariamente esperamos a notícia do seu sucesso.**" Desde 26 de Outubro o major Joris Gartsman tomara o forte S.-Sebastião, com 33 homens contra 126, dirigidos por Gartsman e Hendrick Huss.

Que era realmente a região possuida pelo holandês? Uma pequena colônia, pobre e rústica, treze casas rodeando um forte de taipa socada, com dois bastiões de pedra solta, à borda do mato e à margem direita do rio Ceará, no local Vila-Velha, doze quilômetros a oeste da cidade de Fortaleza. Sua simplicidade acolhedora está no quadro que Franz Post desenhou e que Barleu divulgou.

Não há notícia de engenho. O gado, possivelmente abundante, pastava no interior, longe das mãos neerlandesas. Os anúncios diziam apenas das riquezas minerais. Gedeon Morris de Jonge, na "Breve descrição", alude aos **proveitos que se pode obter e esperar do Ceará: são ambar gris, alguns rolos de fumo, uma sorte de madeira que é excelente mercadoria, e certa quantidade de algodão. Esse lugar é tambem muito fertil e a terra própria para cana de açucar, fumo, algodão, tintas, gengibre e tudo o mais que se queira plantar; o seu ar é saudavel e há abundância de mantimentos.**

A guarnição holandesa oscila entre 35 e 50 homens, que se espalham, em grupos predatórios, pelas roçarias indígenas. A Companhia entrara em sua fase de declínio econômico, estalando a organização imensa, com protestos dos acionistas e multiplicidade de relatório. É o tempo em que as expedições arrojadas vão surgindo, catando ouro, fariscando pedras preciosas, sonhando com as minas

de prata, escondidas nas serras que parecem voar, de Cergipe ao Ceará, com o segredo tentador.

Hendrick Huss viajou para Recife por mar e o major Gartsman para o Rio-Grande do Norte por terra. Ficou, governando a solidão, o tenente Hendrick Van Ham, não encontrando elementos para entusiasmar-se. Em 19 de Abril de 1638, gemia, desalentado. Ficara encarregado de informar-se das condições da região e seus relatorios são melancólicos.

"... **tenho tambem procedido a indagações sobre o mesmo assunto, tanto quanto me era possivel, e outra cousa não posso informar a V. Excia. senão que a terra é arenosa e de ruim montanha, imprópria para o plantio da cana de açucar e levantamento de engenhos, não tem madeira nem cana de açucar que deem proveito. Tambem não existem absolutamente salinas. Há, é certo, alguns lugares no interior onde se acha sal, mas de péssima qualidade, bem como outros junto da praia, que não produzem sal bastante para um carregamento. Quanto ao ambar gris, os índios foram muito exagerados nas declarações que fizeram a V. Excia. e aos altos conselhieros; não tenho visto até agora mais do que quatro pedacinhos...**"

Parece conhecer apenas uma e meia a duas leguas para o interior cearense. As duas aldeias de que fala, a grande, de **Diogo Algedor** (Algodão?) e a pequena, de **Koyaba**, ficam a duas e quatro horas de marcha. Tem noticia de acampamentos tapuias em **Juriquagua** (Jeriquaquara), **cerca de trinta leguas daqui**, para onde mandou emissários sem resposta. Possue, em três currais, cerca de 250 cabeças de gado. Queixa-se da falta de viveres, da indiferença selvagem. **Não posso obter desses índios o mínimo serviço ou auxílio sem pagar**, anota, assombrado. Até Novembro de 1640, padeceu Van Ham entre as muralhas pobres do forte de S. Sebastião. Evidentemente o primeiro **commandeur** do Ceará holandês não deixou as vizinhanças do verde mar bravio, rasgado na ponta de Mucuripe.

Gedeon Morris de Jonge, inteligente, arguto, inquieto, atilado, com bom-senso e loucuras em doses iguais e avultadas, aventureiro e patriota, correndo mundo, preso aqui, solto alem, falando vários idiomas, conhecendo terras, vivendo de várias formas, sempre pronto a recomeçar, acima do desânimo, sonhador teimoso de riquezas súbitas, de minas, de jóias, de prestígio, é a figura curiosa e mais sugestiva do domínio flamengo no Ceará, como, noutro sentido, foram Gartsman em Natal e Herkmans na Paraíba.

Gedeon Morris parece-me da Zelândia, pois a essa Câmara

dirige quase todas as suas esperanças. Quando, em Outubro de 1629, Pedro Teixeira destruiu o fortim holandês de Tucujú, com guarnição alemã e batava, Morris estava no meio dos capitulados e sofreu prisão de oito anos. Foram um **short course** de assuntos amazônicos. Ficou, o resta da vida, tentando carregar a Companhia para ô extremo-norte, acenando milagres e prometendo as estrelas. Pelo seu gosto, em plena lógica, nunca os holandeses teriam ido ao Rio-da-Prata ou ao Chile, dispersando forças, queimando gente, dinheiro e tempo. A região amazônica, do Maranhão em diante, seria holandesa, rijamente militarizada para garantir um trabalho organizado interiormente. Era, nesse particular, mais arguto que o argutíssimo Maurício do Nassau.

Recuperando a liberdade, voltando à Holanda, Gedeon Morris descreveu, com cores fortes, as colônias portuguesas do Ceará para o norte, Cametá, Grão-Pará, com os rios, produtos naturais, e enviou à Companhia Privilegiada, datando de Midelburgo, 22 de Outubro de 1637, sugerindo a conquista imediata da região. A Câmara de Zelândia, a quem primitivamente dirigira o memorial, recomendou-o aos **Mui Altos e Nobres Delegados**, a 19 de Março de 1638. O Supremo Conselho Político do Brasil, com sede em Pernambuco, acusou a carta sobre o **serventuário da Igreja de Westwood**, Gedeon Morris, prometendo examinar oportunamente o plano e chamando-o ao serviço da Companhia; **no entretanto o empregaremos aquí em outra cousa,** dizem os Nobres Delegados. Serviu, provavelmente, nos escritórios, como Moreau e Nieuhof. O "comando" no Ceará é o primeiro posto de destaque e responsabilidade.

O Supremo Conselho informa aos XIX na Holanda o interesse de mandar Gedeon ao Ceará, mesmo depois dos pessimismos de Ham. Ficaria no forte S.-Sebastião como um técnico para a conquista futura do Maranhão e, enquanto tal não sucedesse, pesquisaria salinas ótimas, em lugar das salinas péssimas que mestre Ham deparara.

"**Acreditamos que ele** (Gedeon) **prestará alí** (Ceará) **mui bons serviços à Companhia, e se VV. SS. tentarem um dia algum cometimento contra o Maranhão e as regiões confinantes, podem esperar desse indivíduo ótimos serviços por causa de sua experiência e conhecimento das linguas. Agora ele tenciona descobrir a costa ulterior do Ceará até o Cabo-Piriá e entrar em comunicação com os índios dessas regiões.**" — escrevia o Supremo Conselho a 10 de Janeiro de 1641, informando a partida de Gedeon, a 23 de Novembro passado, para substituir o merencório Ham.

Assumido o posto em Novembro, logo a 1.º de Janeiro de

1641, Gedeon, pelo próprio Ham, escreve relatando o "descobrimento" das salinas. A 14 de Fevereiro, nova missiva, extensa, detalhando a façanha, datada do **rio Janduwassu** (Janduguaçú).

"Tendo partido do Ceará para aí a 4 de Janeiro, encontrei ventos tão favoraveis ao longo da costa que em oito dias cheguei ao rio, conquanto nesse espaço de tempo estivesse parado durante três dias por impedimento ocorrido entre nós. Tendo chegado ao dito rio, e depois de dois dias de indagações, tomei o verdadeiro braço, que me levou às salinas. O rio YWIPANIM demora cerca de 50 leguas a leste do Ceará e cerca de 60 a oeste do Rio-Grande. A salina fica no braço ocidental do rio, cousa de 3 1/2 leguas da foz."

Gedeon fala animado nas possibilidades inesgotaveis das salinas, abundância de viveres, como porcos selvagens, veados e avestruzes e que, com uma rede, podem alimentar-se de peixe. Mas solicita suprimento de centeio, cevada, favas, carne, toucinho, cem alqueires de farinha e um **oxheft ou barril de aguardente.**

As salinas se estendem pelos rios YWYPANIM, MEIRITUPE e WARAROCURY, na extremidade norte do Ceará. Gedeon informa, modesto: — **Eis aí em termos breves a minha informação a respeito das salinas situadas a leste do Ceará, as quais nunca foram anteriormente examinadas pelos nossos, nem eram conhecidas no tempo dos portugueses.**

As salinas eram conhecidas pelos portugueses e pelos flamengos. No "Auto da Repartição das Terras", lavrado em Natal a 21 de Fevereiro de 1614, com a presença do desembargador Manuel Pinto da Rocha, **Ouvidor Geral deste Estado,** e capitão-mor de Pernambuco, Alexandre de Moura, há, no registo da data 85, alguma notícia para confundir Gedeon: **"A data oitenta e cinco deu Jerônimo d'Albuquerque a Antônio e Matias d'Albuquerque, seus filhos, em vinte de Agosto de mil seis centos e cinco(1605). São umas salinas que estão a quarenta leguas daquí, para a banda do norte. Não cultivaram nem se fez benfeitoria, nem a terra serve para cousa nenhuma mais do que para o sal que por si cria."** Frei Vicente do Salvador, em sua "História do Brasil", que terminou em 1627, registara: **"Nem estão muito longe daí [Rio-Grande] as salinas, onde naturalmente se coalha o sal em tanta quantidade que podem carregar grandes embarcações todos os anos, por que, assim como se tira um, se coalha e cresce continuamente outro."**

Para os holandeses havia a "memória" apresentada por Adriano Verdonck ao Conselho Político do Brasil, a 20 de Maio de 1630. O brabantino Verdonck, descrevendo o Rio-Grande, informa: **—"Quando alí há falta de sal, o capitão-mor do dito forte do Rio-**

-Grande manda uma ou duas barcas, de 45 a 50 toeladas, a um lugar 60 milhas mais para o norte, onde há grandes e extensas salinas que a natureza criou por si; alí podem carregar, segundo muitas vezes ouví de barqueiros que dalí vinham com carregamento de sal, mais de 1.000 navios com sal, que é mais forte do que o espanhol e alvo como a neve. É um lugar deserto em cujas imediações ninguem mora, aparecendo apenas alí alguns tigres com os quais é preciso ter cautela. Estas salinas estão rentes à praia e completatamente cheias de sal; mas, todos os navios que tiverem de ir alí, segundo penso, devem conservar-se um tanto ao largo por que aquela costa é muito perigosa."

A 4 de Agosto de 1641, Gedeon anuncia que partirá, dentro de quatro dias, para **Commoci** (Camucim), **a fim de examinar a situação de certas salinas e fazer cortar uma porção de pau-violeta, e indagar os demais proveitos que alí possam ser obtidos para a Companhia.**

Pode-se ter dado, nesse período, a construção de um fortim às margens do Camucim, cuja existência é apenas atestada por uma carta de André Vidal de Negreiros, governador do Maranhão, em data de 3 de Junho de 1656. Gedeon não fala nesse fortim nem apregoa descobrimentos de salinas. Em 8 de Outubro do mesmo 1641, Gedeon anuncia salinas em **Commoci** (Camucim), a 1.700 passos do mar. Um Jacó Cryniz ficou trabalhando, com indiada.

Em Fevereiro de 1642 o **commandeur** Elbert Smient depara salinas ao norte sul do Ceará, alem do rio **Ypwypanim**, Upanema. Smient denominou-a **Huys der Woestyne** (casa do deserto), **situada três ou quatro leguas a leste do rio AGUAMARA.** A salina fica num braço desse rio que **se prolonga pelo interior até a dita salina**, ficando esta a 500 passos da pàncada das ondas. A cinco leguas dessa salina de AGUAMARA fica a salina grande de CARWARATAMA. Cinco leguas a oeste dessa CARWARATAMA está o rio MARITOMBA, **que é o segundo desse lugar para o lado do ocidente.** Aí a gente de Smient descobriu nova salina.

Na ponta de Jeriquaquara, a 28 quilômetros de Camucim, ergueram os holandeses outro fortim. Quando? Carlos Studart Filho, que estudou as fortificações no Ceará, não conseguiu apurar a data. Esse fortim de Jeriquaquara foi comandado por Jorge Evers, substituto de Gedeon Morris de Jonge, levado para o Maranhão.

Em Janeiro de 1642 o Conselho autoriza a volta de Gedeon ao Ceará. Julgam-no a maior capacidade local. "**VV. SS. deixarão que o "commandeur" Gedeon Morris volte ao Ceará, a fim de que ele administre essa capitania, na experiência que dela tem e a bem**

do serviço da Companhia, por que receamos que, indo outrem que não conheça toda a situação da mesma capitania, possa ser cometido algum erro."

É a época da peste de bexigas que despovoou as capitanias do norte, matando milhares de negros e indígenas.

Gedeon ainda em Abril de 1642 estava em S.-Luiz do Maranhão, escrevendo, aconselhando a conquista do Grão-Pará. Esperava regressar **dentro de catorze dias.** Não se sabe quando voltou ao seu posto. Em Dezembro de 1642, quando o coronel Hinderson viaja para o Maranhão com reforços, por que estalara a reação local, Gedeon Morris acompanha-o, com 200 indígenas. Morris, em 23 de Abril de 1643, é nomeado vice-diretor. Em Julho, o diretor Pieter Bas segue para o Recife, deixando Gedeon e Wiltschut como responsaveis pelo Maranhão. Em fins desse ano, Gedeon estava no Ceará, como informa Wiltschut ao Supremo Conselho, em 18 de Dezembro de 1643. Em Janeiro de 1644, uma revolta indígena massacra a guarnição holandesa, saqueando armazens, rebentando os barcos, destruindo, depredando, incendiando. O iate BRACK, que tocou no Ceará, ignorando o motim, perdeu o comandante Lubbert Dircks, o capitão Ghim, os tenentes Gras, Kockgtien e o alferes Pyron e mais cinco homens. Os barcos de Gedeon Morris de Jonge e do mestre de equipagem Emor de Bonte, estavam destroçados, na praia.

Jorge Evers, que fora com tropa indígena auxiliar os flamengos em S.-Luiz, caiu na emboscada no "Oiteiro-da-Cruz", perecendo, com inúmeros soldados e quase todos os indígenas. Fora a 26 de Janeiro de 1643, e essa façanha de Antônio Teixeira de Melo possivelmente determinou a permanença de Gedeon no Maranhão, onde sairia para morrer. Expulsos os holandeses, ao passar pela costa cearense, em Camucim, Fevereiro de 1644, abandonaram os indígenas fiéis, como quem atira ao monturo uma arma inutil. Furiosos, os índios, sob a direção do **tuixaua** Ticuna, assaltaram o fortim de Camucim, arrasando-o, com os soldados holandeses. Vencedores, voltaram-se contra o fortim de Jeriquaquara, 28 quilômetros ao sul, fazendo-o desaparecer. Assim, numa nódoa de sangue, findava a dominação flamenga.

Matias Beck, com tres iates e dois barcos, 298 homens, fundeia na ponta do Mucuripe, a 3 de Abril de 1649. É uma expedição para descobrimento de minas, minas de pratas, nas serras. Não há repulsa. Os restos abandonados do forte de S.-Sebastião caem em ruinas. Os indígenas furtavam as telhas, cobrindo as ocas. Matias Beck, no morro Marujaitiba, à margem esquerda do rio Pajeú,

inicia a construção duma defesa murada para guardar homens, víveres e munições. Começado a 9, terminava-se a 22 de Abril o forte Schoonenborch. Beck distribue cartas-de-perdão, pequeninos presentes, perguntando notícias da mina de prata. O forte é ampliado e as companhias, com mineradores e indígenas, catam as serras próximas, farejando prata. Todos os tuixauas, Francisco Arajiba, Francisco Caraia, Amanijú-Pitanga, prometem ao comissário Van Ham, ao ministro Kempins, roteiros e barras de prata que nunca aparecem. E, da praia para as serras próximas, vivem os holandeses, suspicazes, assombrados e teimosos, vigiando de noite e cavando de dia, até que a convenção da Campina-do-Taborda, em 26 de Janeiro de 1654, findou-lhes a penitência.

Matias Beck e seus companheiros de mineração obstinada embarcaram. E o Ceará voltou aos capitães-mores que El-Rei Nosso Senhor nomeava.

Que souberam os holandeses do território cearense? Qual a geografia holandesa do Ceará?

Barleu não traz mapas que se refiram ao Ceará. Conheço os quadros de Post e gravuras flamengas. Ignoro a existência de mapas. Barleu é parcimonioso nas informações, dizendo apenas que a região possue raros moradores, **paucorum incolarum**. Não há engenho. Há gado solto e população rareada, dispersa numa zona vasta e semi-árida. Voam apenas as famas misteriosas de ouro, de prata, de salinas que a ignorância topográfica não pode então fixar. Impossivel, para o flamengo, uma dominação regular, decisiva, real. Não há o que saquear. Os habitantes do interior estariam longe, e a penetração se deu justamente pela pressão holandesa no litoral. O cearense, antecipando os russos ante o cavalo branco de Napoleão, deixou as areias da praia ao flamengo que sonhava pedrarias.

O conhecimento holandês do Ceará ainda foi mais restrito que noutras capitanias. Fixou-se na orla do mar, ao longo dos breves rios que desaguavam, com pouca distância, nas ondas salgadas. A salina era trabalhada pelos aborígenes, capitaneados por um **commandeur**, vermelho e suado, tartamudeando a melodia plástica do nhengatú sonoríssimo.

Johannes de Laet, nos "Anais", pela costa, rumo norte, regista até **Pikitinga** (Pititinga). Daí em diante, não dá informações. Alude a **uma ponta branca, a partir da qual a costa descamba e se estende para diante por um estirão leste a oeste.** A derradeira notação de latitude é a do Rio-Grande, 5°,42'.

Na "Histoire du Nouveau Monde ou Description des Indes Occidentales", Laet se adianta, tendo consultado os portulanos por-

tugueses, de Figueiredo e outros (Ch. VI. Flv. XVI. Leyde. 1640), indo até Mucuripe, onde Matias Beck ergueria o Schoonenborch, em 1639.

Laet fala em **Rio Grande, Siará** (embocadura do rio Ceará-Mirim), tendo, de permeio, a baía de **Jenipabou**, que chamara **Genipaboe** nos "Anais", rio **Morungape** (Maxaranguape), **Pequetingua** ou **Pititigua** (Pititinga), mencionando "O Marco", padrão em pedra liós que foi posto, em 1501, na praia dos Marcos, limite marítimo dos municipios de Baixa-Verde e Touros, a 5°,04', 40", latitude sul, por 35°,48',30", longitude oeste, pelo meridiano de Greenwich. Cita **Chugasu** ou **Ugassumba**, possiveis pontas nas barras dos rio Punaú e rio do Fogo, dando alem **Ubaranduba**, muito encontradiça na navegação flibusteira dos batavos desde 1632. D"O Marco" a **Guamare** (Guamaré, Guamoré, Agua-Maré, no município de Macau) diz ser quinze leguas. Aí vivem **ces arbres qu'on nomme Mangues; et la sont ces celebres salines qu'ils noment de Guamare.** Há aí um rio que dizem ser **Rio de Salinas** ou **Caru-Aretuma**, três leguas de Guamaré. A seguir é a baía de **Maretuba, "c'est une baye for spacieuse & qui reçoit la mer par quatre emboucheures"**. A costa se torna mais alta e verde, com pequenos arbustos, até a ponta que chamam **Ponta do Mel** (município de Areia-Branca, a 4°, 57', 13" de latide sul, por 36°, 53', 20" de longitude oeste, Greenwich), **aupres de laquelle sort un torrent salé, dit Guararahu.** Diogo de Campos Moreno chama o rio do Açú (tambem Piranhas) **Guarahug.** Havendo essa referência, a **baye de Meretuba qui reçoit la mer par quatre emboucheures** é a barra do rio Galinhos (município de Baixa-Verde) com cinco rios que aí despejam, o Galo-Grande, rio Furado-de-Cima, rio Tomaz, rio Amargozinho, e Pisa-Sal. Depois da torrente salgada, **dit Guararahu** (o **Guarahug** de Diogo de Campos), saem quatro riachos (**rivieres**), de meia em meia legua de distância, **Guapetuba, Manetuba, Gerarassu & Persin.** Poder-se-ia dizer que a baía de Meretuba fosse a barra do rio Açú, com seus três rios, Conchas, Cavalos, Amargoso, mas Laet (fiado em Figueiredo) coloca o rio Açú perto da Ponta-do-Mel e lhe dá o nome seiscentista de Guararahug. Sabe-se então a denominação tupí da Ponta-do-Mel. Era Cucaratuba. Duas leguas depois de **Guararahug**, está o rio **Uquiaguara** e, oito leguas alem, **une autre qu'ils nomment Hupanema**; daí a baía de Ubarana, dez leguas de **Icaribe** (Jaguaribe). De Jaguaribe a Iguape são vinte leguas e de Iguape a Mucuripe contam oito. Assim falou Johannes de Laet nas informações que lhe deram. Era essa a toponimia litorânea da costa norte-riograndense ao Mucuripe.

Existem plantas, desenhos, representando salinas, esboços de roteiros para minas hipotéticas. Conhece-se a planta da cidade de S.-Luiz do Maranhão. Nos livros mestres, os cimélios da cultura batava, o grave Gaspar Van Bearle, o erudito Johannes de Laet, o poeta Planto, não aduzem documentaria gráfica que evoque a terra cearense, desejada e rebelde pelos seus filhos de bronze.

Na primeira fase da ocupação holandesa, de Outubro de 1637 a Fevereiro de 1644, há o movimento das salinas e a fome da posse no território maranhense. As salinas, justificativa da possessão, ficavam, no sul, no Upanema e, no norte, em Camucim. De Jeriquaquara ao forte de S. Sebastião, deste o Upanema, deste ao sal de Aguamara, viajava-se por mar. Depois da conquista, apenas, o major Gartsman vai por terra para Natal, repetindo, com agua e conforto, a viagem dolorosa de Pero Coelho de Sousa em 1605.

Os fortes de S. Sebastião, Camucim e Jeriquaquara são atalaias para o mar. Não custodiam penetração. Estão alí, no areal, como olhos acesos, espiando velas e não defendendo passos, sertão a dentro. As comunicações são sempre maritimas, com pequenas embarcações, galeotas, iates com um pano latino, batelões lentos, lichters, de Nieuhof.

Onde ficam os rios YWIPANIM, MEIRITUPE e WARAROCURY? São os "descobrimentos" de Gedeon Morris de Jonge.

O YWIPANIM é o Upanema, de curso exclusivo no Rio-Grande do Norte. Tinha, no século XVII, outra barra. Nasce atualmente no lugar Porteiras, desliza apenas três quilômetros, caindo no mar a leste da ilha de Paneminha e a oeste da Baixa-Grande. As dunas, entulhando-lhe o curso, dividiram-no. Um trecho é o chamado Barra-do-Panema. **A outra parte com a junção do rio Apodí, rasgou um novo curso, que tomou desde então o nome de MOSSORÓ e entra no mar em Areia-Branca** (Nestor Lima). Na ilha da Tapera ainda há vestigios de fortificações sumárias, possivelmente o abrigo de Gedeon e de seus prepostos, feitoriando a tarefa dos indígenas na colheita do sal.

É a zona salineira no municipio de Areia-Branca. Foi sempre explorada pelos moradores ribeirinhos, proibida a exportação quando do monopólio. O "Roteiro ocidental para a navegação da costa e portos do Brasil" (por J. J. P. 1784) indicava: — **"Dez leguas mais para diante da Ponta-do-Mel, ao mesmo rumo, se achará o rio Upanema, em que há salinas sem cultura."**

O Wararocury, com sua salina **cinco leguas rio acima e no braço mais ocidental dele**, talvez fosse o rio Morro-Branco, outrora desaguando no mar e atualmente no rio Mossoró. O **Meiritupe**, com

a salina **muito para o interior, de modo que não se pode contar com ela,** seria um afluente do Mossoró, desaparecido pelo avanço das dunas?

A salina **Huys der Woestyne** (casa do deserto), três a quatro leguas a leste do rio Aguamara, ficará nas margens do rio Salgado, ou riacho do Tubarão, que despeja nas vizinhanças da ponta do Tubarão, acima de Aguamara, Aguamaré, Guamaré, no município de Macau, **onde descansaram vários dias** Pero Coelho de Sousa e os companheiros da travessia sinistra. **Dalí marcharam para as salinas muitos dias,** ainda informa frei Vicente do Salvador. Essa é uma das salinas que Elbert Smient encontrou. A salina grande, ou **Carwaratama,** fica a cinco ou seis leguas da Casa-do-Deserto. **Carwaratama** é a salina do Guamoré, ou melhor, do Tubarão, ou rio Salgado, que nasce numa lagoa do mesmo nome. Os portugueses o diziam Rio-de-Salinas, e Laet o chama pelo apelido bárbaro: — **Caru-Aretuma ou Rio de Salinas, et qu'elle est distante de Guamare de trois lieues vers l'Ouest.**

Elbert Smient descobriu outra salina no rio **Maritombo,** que será o mesmo **Meretuba** de Johannes de Laet, baia onde há quatro bocas e que julgo ser a de Galinhos. O **Maritombo** se ajustará ao rio Camurupim.

Nenhum conhecimento tem da salina do Ipanema, regista o **Notulus** de 4 de Fevereiro de 1642, anotando as informações do **commandeur** Elbert Smient. Assim, do rio Upanema ao Camurupim, nenhuma intercomunicação. Nem "conhecimento". Eram trechos explorados em raio limitado, sem ligação comum.

Em parte alguma, ao deduzir-se das narrativas de Gedeon Morris ou de Elbert Smient, foram os holandeses alem de trinta quilômetros, para o interior. A salina do Aguamara fica a **500 ou 550 passos do mar.** A de **Carwaratama, "meia legua rio acima".** A do Upanema, **cousa de 3 1/2 leguas de foz e 3/4 de legua da margem.** A de **Wararocury, "cerca de cinco leguas rio acima".** A de Meiritupe, **está situada muito para o interior.** Não foram utilizadas as duas últimas. Upanema satisfazia as exigências do consumo e envio para Recife.

Não nos veio, evidentemente, nenhuma conquista geográfica nessa região, pela curiosidade flamenga.

A zona de **Jericoacoára** (Jeriquaquara) e Camucim, foi serviço de salinas, costeiro, irregularmente procedido pela exigência do reclutamento militar que atirava os trabalhadores indígenas para as lutas do Maranhão. Toda vez que a massa indígena era chamada, embarcava. Assim embarcou com Jorge Evers e duas vezes com Ge-

deon Morris de Jonge. O caminho para o Maranhão estava abandonado, por ventura apenas seguido pelos selvagens fugitivos dos encargos e proteções da Companhia Privilegiada. Nas alturas da Ibiapaba, pelo centro, continuariam, mas nenhuma notícia há, por que seria exclusivamente feito pelos indígenas.

Os holandeses foram péssimos caminhadores. Já não é possível encontrar as quinhentas leguas de Pero Coelho de Sousa, nem os incansaveis devoradores de distância, furando, em todas as direções, o costão cearense. Quando o flamengo tinha pressa, tomava o barco, preferindo a indecisão dos ventos à monotonia das estradas silenciosas e traiçoeiras. As folhas cobriram os últimos rastos na trilha Camucim-Ibiapaba, Camucim-Maranhão. Foram, posteriormente, reavivadas, pelos pés infatigaveis dos caçadores de índios, plantadores de currais, pesquisadores de tesouros encantados. O holandês não mais vivia nos arredores.[1] Durante seu domínio, o sertão espiava, fechado e misterioso, do alto adarvado das serras que não tinham nome. Nas praias, três fortes montavam guarda. Na linha do mar, a monção sacudia o velame das naus de comércio e guerra. Detrás das paliçadas, dois, três quilômetros, o mato era uma muralha. Ali começava o mundo dos animais fantásticos, das riquezas fabulosas, das mortes sem história.

O Barão de Studart divulgou uma carta do Conde de Vila-Pouca-d'Aguiar, datada de 18-6-1649, avisando que **hindo tres Companhias suas** (holandesas) **ao Ceará com intento de descobrir minas, os tratarão os tapuyas de modo, que só dous escaparão com vida para darem novas das mortes dos outros.** Vieram por mar, saltando onde? Jaguaribe, Mucuripe, Camucim? Ignoramos o roteiro desses homens, destroçados sem vestígio de sua coragem inutil e sacrifício ineficaz.

Matias Beck fica no forte de Schoonenborch, à margem esquerda do rio Pajeú, junto ao morro Marujaitiba, tendo visitado, na escolha do local, da ponta do Mucuripe à barra do Ceará.

Desse forte Schoonenborch e pesquisas de prata, restam fragmentos de um "diário" e esboço de mapa, com a fortificação e campo geográfico das pesquisas. Para aí tinham ido, depois das duas batalhas de Guararapes e da retomada de Angola, período de declínio áspero, em que a organização sossobrava, assaltada pelas vagas duma reação furiosa.

Os topônimos cearenses, do mapa de Matias Beck, são poucos. Vão a trinta. Referem-se à baía **Mucuriba** (Mucuripe), monte **Marajaik** (Marujaitiba), onde o Schoonenborch foi construido, ao pé de riacho **Marajaik** (Pajeú), riachos **Tipoig** (Jacarecanga), **Pi-**

yoatu, Piraóba, a pequena lagoa **Inboduaponga** (Porangaba), a lagoa grande **Monduig** (Mondubim), riacho **Itapoba** (Sequeira), caminho para a aldeia de **Pirapedoba** (Pirapora), riacho **Itarema-Igeoab** e, fechando o horizonte, as duas serras que escondiam a prata, à esquerda **Maragoa** (Maranguape) e à direita **Itarema** (Taquara). É esse o cenário do derradeiro sonho flamengo, que a rendição da Campina-do-Taborda surpreendeu e findou.

Junto às ruinas do forte de S. Bastião (Sebastião) viviam tuixauas com suas mulheres e filhos, com roçarias. Ali moravam os dois Franciscos, Carajá e Arajiba, olhando o rio **Siará,** outrora chamado Itarema. Depois da bifurcação da estrada que levava, à dextra, para o Itarema e, à sinistra, para o Maragoa, abriram quatro roçados de milho e mandioca. Nas fraldas da Itarema erguia-se a casinha improvisada do comissário Hendrick Van Ham, fiscal das buscas em procura da prata. O ministro Kempins, que andou catequizando aldeias e visitando chefes, não juntou elementos topográficos para ampliar o esboço paupérrimo. Nem mesmo a maloca de **Pirapedoba** (Pirapora) aparece.

Matias Beck e o comissário Hendrick Van Ham, **ex-commendeur** do Ceará, tentam obter prata, abrindo e fechando escavações em Itarema e Maragoaba, distando **daquí somente sete leguas,** reza o "diário".

Para ter notícias de **Ussupaba** ou **Upuapaba** (Ibiapaba), **um monte situado há boas 80 leguas daquí para os lados do Comosy ou Camerosiby, e que dista 20 leguas do mar,** Beck envia o tuixaua Francisco Caiaba, a pé, para Camucim, na esperança do contacto com os tremembés. Volta Caiaba com boas novas. A 21 de Agosto de 1649, a bordo do iate WITTEPAERT, segue uma expedição de técnicos, na suposição de minas de prata em Camucim, segundo opinião de Ham. Viajam o capitão Dirk, comandante do WITTEPAERT, o engenheiro Ricardo Caer, que planejou o Schoonenborch, o prateiro Jacob Van Der Maes, **cinco bons soldados,** o velho tuixaua Caiaba, um filho e vários indígenas. Beck anota que o comando é de Ricardo Caer, **devendo, se for possivel, regressar por terra. Ao meio-dia fizeram-se de vela e Deus Nosso Senhor lhes conceda rápida e feliz viagem.**

Que fim alcançou o engenheiro Caer? Quais foram os episódios em Camucim, lutas, desânimo, vitória? Não se sabe. O "diário" termina a 9 de Setembro de 1649. Matias Beck ainda estava em Schoonenborch em Janeiro de 1654. Que fez em matéria geográfica? Não há lembrança senão das buscas em Taquara e Maranguape. O

Schoonenborch, rebatizado pelos portugueses, foi alguns anos **N. S. da Assunção.**

Nenhuma notícia atesta trabalho em Camucim, alem dos fortes que a indiada assaltara em Fevereiro de 1644. Mas, com quatro anos de permanência na terra do Ceará, teimoso como um picardo, Matias Beck se teria limitado aos sinais debeis duma mineração infeliz?

Não há elemento para responder.

A geografia holandesa no Ceará é, pois, verdadeiramente paupérrima. Matias Beck foi a expressão mais audaz e não ultrapassou as costeiras serras da Taquara e de Maranguape. São sete leguas, para Matias Beck. Arranham pouco mais de vinte e quatro quilômetros, na realidade. E constituem saliência notavel na linha média da vida normal do domínio, quase sempre à vista dos **verdes bares bravios...**

(Natal — Rio-Grande do Norte)